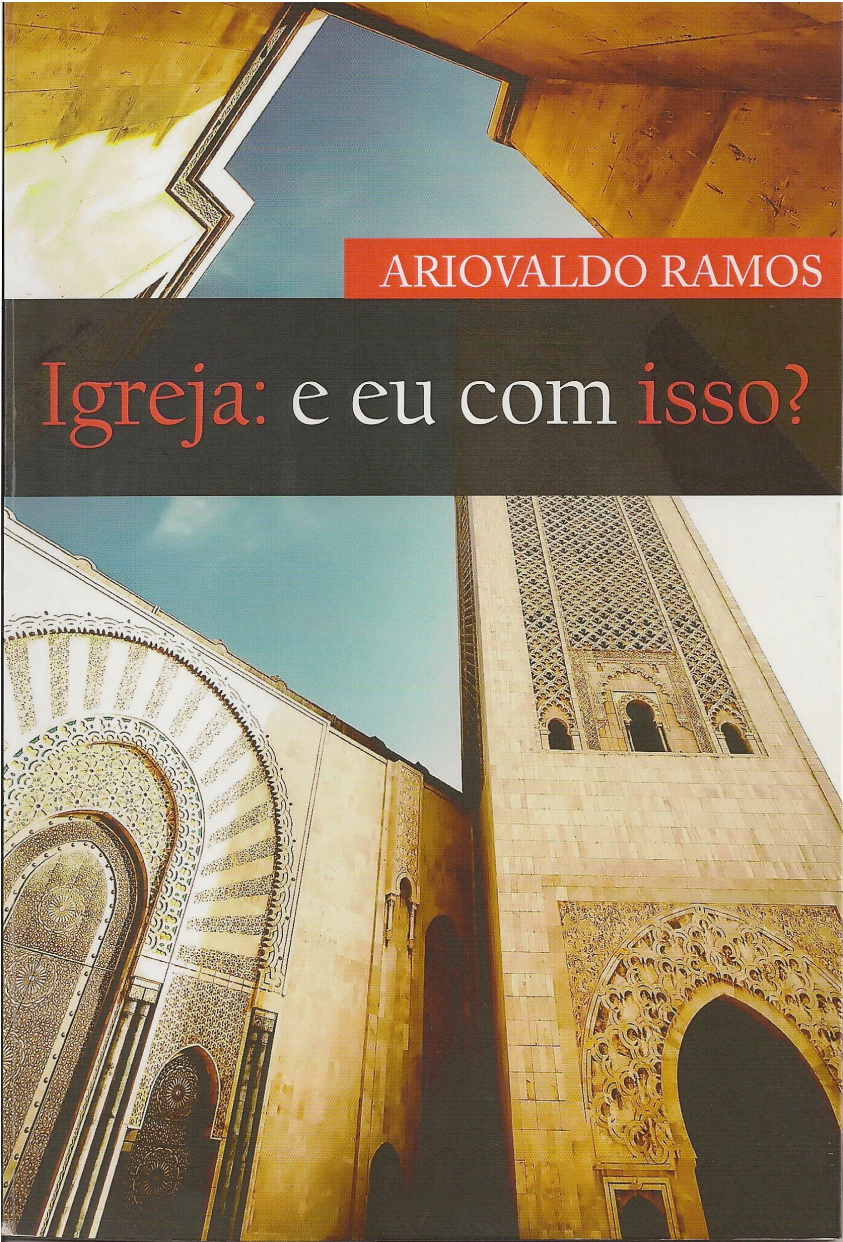




ARIOVALDO RAMOS

Igreja: e eu com isso?

CAPITULO 1

IGREJA E EU COM ISSO?

Revelação, Noiva, Casa, Exército...

O que é Igreja para que nos ocupemos dela? Mateus 16.13-18 é um texto que apresenta subsídios para respondermos essa questão:

[13] Indo Jesus para os lados de Cesaréia de Filipe, perguntou a seus discípulos: Quem diz o povo ser o Filho do Homem?

[14] E eles responderam: Uns dizem: João Batista: outros: Elias; e outros: Jeremias ou algum dos profetas.

[15] Mas vós, continuou ele, quem dizeis que eu sou?

[16] Respondendo Simão Pedro, disse: Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo.

[17] Então, Jesus lhe afirmou: Bem-aventurado és, Simão Barjonas, porque não foi carne e sangue que to revelaram, mas meu Pai, que está nos céus.

[18] Também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela.

Acompanhemos este diálogo:

[13] Indo Jesus para os lados de Cesaréia de Filipe, perguntou a seus discípulos: Quem diz o povo ser o Filho do Homem?

Quem é o Filho do Homem? "Quem eu sou?", pergunta Jesus.

A resposta a essa pergunta é crucial porque a Salvação, "a vida eterna, é esta: que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste." (Jo 17.3)

Esse "conhecer" não é mero acúmulo de informação, mas, o ter uma experiência com Deus; "este conhecimento (...) envolve um relacionamento pessoal. O Pai e o Filho se conhecem em amor mútuo, e através do conhecimento de Deus as pessoas são admitidas ao mistério desse amor divino, amando a Deus, sendo amadas por Ele e, em resposta, amando umas às outras."¹ Trata-se de um *conhecimento-experiência*.

E mais, será que sempre que nos reunimos em culto não deveríamos fazê-lo para tornar a responder essa pergunta para Cristo e para nós mesmos? Não numa nova conversão, mas num aprofundamento dessa consciência? Essa resposta, como veremos, só pode ser proclamada de joelhos.

"O povo..."

Jesus tratou muito bem o povo. A ele pregou, alimentou, curou, devolveu muitos dos seus mortos. Foi com o povo que andou e Se confundiu.

A pergunta, portanto, mais que satisfazer à mera curiosidade aludia à caminhada: será que as bênçãos ministradas ao povo geraram, neste, a compreensão de quem era Jesus?

[14] E eles responderam: Uns dizem: João Batista: outros: Elias: e outros: Jeremias ou algum dos profetas.

Parece que os judeus classificavam um profeta comparando-o com os que o antecederam; era uma espécie de "ranking" de profetas. E eles colocaram Jesus de Nazaré no primeiro time.

Curioso ter, o povo, comparado Jesus com esse trio de profetas, conhecidos pela força de suas palavras e pelo ultimato de seus apelos. Isto nos leva a pensar que a mensagem do Cristo não era tão adocicada como muitos pregadores a querem fazer parecer.

A resposta, entretanto, deixou a desejar. Conseguiram ver em Jesus um grande profeta, catalogaram-no entre os maiores, porém,

não acertaram. Ser agraciado com milagres do Cristo não produz, necessariamente, o conhecimento-experiência de Jesus Cristo que salva.

Seria bom que as pessoas que enfatizam o "Deus que faz" se lembrassem que a Salvação vem pelo "Deus que é".

Temos, então, a primeira resposta à nossa pergunta, só que negativa: Igreja² não é, necessariamente, a comunidade dos que foram agraciados com milagres por Jesus.

[15] Mas vós, continuou ele, quem dizeis que eu sou?

Outra aferição, só que esta, mais importante: os discípulos conviveram com Jesus, e dele obtiveram informações privilegiadas - quer pelas perguntas que puderam fazer, pelo ensino exclusivo ou, simplesmente, pela observação de Seu comportamento no dia-a-dia. Detendo mais informações, era de se supor, que estavam mais preparados para responder, que acertariam.

1. Bruce, F.F. - João, introdução e comentário - série cultura bíblica - Mundo Cristão e Edições Vida Nova

Será que Igreja é o ajuntamento dos que, após andar com Jesus, chegaram ao conhecimento sobre quem Ele seria?

[16] Respondendo Simão Pedro, disse: Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo.

[17] Então, Jesus lhe afirmou: Bem-aventurado és, Simão Barjonas, porque não foi carne e sangue que to revelaram, mas meu Pai, que está nos céus.

Essa resposta tem duas partes:

"Tu és o Cristo..."

... o Messias, o Salvador vislumbrado pelos patriarcas e anunciado pelos profetas. Certo, porém, se parasse por aí, incompleto. Todos, de então, criam que o Messias seria o maior dos profetas (Dt

Igreja, no tempo em questão, antes da conotação religiosa que lhe foi atribuída, significava reunião, assembléia, comunidade, nação, ajuntamento de pessoas que tinham afinidades, características e/ou objetivos comuns.

18.15), contudo, um profeta. Se parasse nessa afirmação, Pedro teria ido apenas um pouco além do que o povo cria.

"...o filho do Deus vivo."

Mas ele vai mais longe - alcança profundezas que os demais nem sequer imaginaram. Pedro, aqui, diz algo revolucionário!

Os teólogos de então diziam que Deus era único, portanto, não podia ter filho. Se Deus tivesse um filho, este seria uma extensão de Si, logo, também seria Deus. Então, já não seria um, mas dois deuses. Eles não conheciam a doutrina da Trindade, não sabiam que há três pessoas e um só Deus. Pedro declarou isso: "Jesus de Nazaré é o Cristo, e Cristo é Deus". Resposta completa. Ele não só foi apresentado à segunda pessoa da Trindade Santa como também a estava apresentando a todos nós.

Os teólogos entenderam que Deus haveria de mandar um libertador que seria um grande profeta. Moisés isto pareceu dizer quando profetizou que Deus levantaria um profeta semelhante a ele (Dt 18.15). Porém, os teólogos não perceberam que, ao anunciar um salvador, Deus anunciava a Sua visita. Não imaginavam que a Salvação humana custaria tão grande preço, nem que Deus amasse tanto o ser humano.

O cineasta italiano Franco Zeffirelli, no final da década de 1970, lançou o filme *"Jesus of Nazareth"*, uma superprodução de plasticidade impressionante. O próprio diretor costumava referir-se ao filme como o seu "afresco". O filme, originariamente apresentado em duas partes, mostra, no encerramento da primeira, cena que retrata o texto que estamos trabalhando. Nela, Zeffirelli registra Pedro ajoelhando-se enquanto declara: *"tu és o Cristo, o filho do Deus vivo"*. No instante seguinte, os demais discípulos, tomados pelo impacto da afirmação, testemunhando sua concordância, também se ajoelham. A cena termina com Jesus de Nazaré no centro e todos os discípulos ajoelhados à sua volta.

Não sei se foi assim mesmo que aconteceu, porém, indubitavelmente, é a cena que mais se coaduna com a profundidade do que foi dito. Jesus, mais que um profeta a ser ouvido; mais que um mestre

a ser seguido; é Deus Salvador a ser adorado. Este é o *conhecimento-experiência* acerca de Jesus, que dá vida eterna. (Jo 17.3)

Igreja então seria o ajuntamento dos que, após compartilharem de relativa intimidade com Jesus, e de terem andado com Ele, acabaram por compreender quem Ele seria? Não! repito. O que fez o discípulo saber a verdade foi uma revelação (*não foi carne e sangue que to revelaram, mas meu Pai, que está nos céus*).

Agora temos nossa segunda resposta e é positiva: Igreja é a depositária da revelação do Deus Filho como Deus conosco, logo, é a comunidade dos que, a exemplo dos discípulos, receberam a revelação de que Jesus de Nazaré é a pessoa da Trindade, que é o Deus Eterno, que Se fez homem e veio para salvar-nos.

O *conhecimento-experiência* acerca de Jesus, que dá vida eterna, é um *ato-revelação* do Pai: *"Ninguém pode vir a mim se o Pai, que me enviou, não o trouxer; e eu o ressuscitarei no último dia"*, afirma Cristo. (Jo 6.44)

[18] Também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela.

Mas, que pedra?

A pedra é Jesus, como descrito nesta afirmação, ou melhor, nesta revelação: *"Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo"*. E esta afirmação, mais que uma confissão de fé, é o envolvimento com uma pessoa, como disse Paulo: *"edificados sobre o fundamento dos apóstolos e profetas, sendo ele mesmo, Cristo Jesus, a pedra angular"*. (Ef 2.20)

E que igreja?

Igreja, como já vimos, é a comunidade dos que receberam a mesma revelação que Pedro e os discípulos - Jesus Cristo é Deus Salvador.

Que implicações teria a recepção dessa revelação no que tange ao nosso relacionamento com Jesus, o Cristo? Ora, não dá para ficarmos impassíveis ou indiferentes diante de um deus: ou o

adoramos ou o rejeitamos. Portanto, tal consciência define nossa relação com Jesus de Nazaré. De um mestre aprendemos, a um profeta ouvimos, a um líder seguimos, porém, ao Deus, adoramos. Então nossa relação com Ele passa a ser, em primeira instância, de adoração.

Como tudo começa com essa revelação, pressupõe-se que a missão primeira da Igreja é adorar, agradar, exaltar ao seu Senhor. É, portanto, o "ser noiva":

"Então, veio um dos sete anjos que têm as sete taças cheias dos últimos sete flagelos e falou comigo, dizendo: Vem, mostrar-te-ei a noiva, a esposa do Cordeiro". (Ap21.9)

"Vi também a cidade santa, a nova Jerusalém, que descia do céu, da parte de Deus, ataviada como noiva adornada para o seu esposo". (Ap21.2)

A noiva, na sua ação de adorar, é a satisfação do desejo do Pai: *"Mas vem a hora e já chegou, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade; porque são estes que o Pai procura para seus adoradores". (Jo 4.23)*

Assim chegamos à nossa terceira resposta: a Igreja é a noiva de Cristo, logo, é a reunião dos adoradores de Jesus.

Tendo em vista o que temos analisado, o primeiro projeto a ser entabulado pela Igreja deveria ser o de adoração, algo que fomentasse um relacionamento correto com o Deus Salvador; é o que mais faz sentido diante do conteúdo da revelação. Quando se fala de projeto para a Igreja local, pensa-se logo na questão do crescimento. Porém, o que a Igreja pode fazer em termos de aumento numérico é, no poder do Espírito Santo, pregar fielmente a palavra de arrependimento e de submissão ao Senhor Jesus Cristo; servir amorosamente ao próximo e atacar, com ousadia, o inferno, destruindo pela oração, pelo serviço e pela palavra de autoridade as suas obras. Era o que fazia a Igreja em Jerusalém: *"louvando a Deus e contando com a simpatia de todo o povo. Enquanto isso, acrescentava-lhes o Senhor, dia a dia, os que iam sendo salvos". (At 2.47)* Ainda que a igreja local, num projeto de evangelização, possa desenvolver

metodologias que a tornem mais eficaz na pregação do Evangelho, é preciso compreender que a Igreja prega, mas só o Espírito Santo converte; não dá, portanto, para ter garantias de crescimento, a menos que se troque o verdadeiro Evangelho de arrependimento por técnicas de manipulação de massas. A menos que, em lugar da Cruz, ofereçam-se técnicas de auto-ajuda; que se substitua a busca prioritária do Reino pelo conforto descompromissado dos "filhos do rei"; que, ao invés da comunhão, que exige humildade, forme-se um clube e, em lugar do Senhor Jesus Cristo, apresente-se um "Jesus gênio da lâmpada" pronto a atender qualquer pedido de todo aquele que conheça o segredo de como esfregá-la - não sei, porém, se algo assim pode ser chamado de Igreja cristã.

Se o primeiro elemento da missão da Igreja é o de adorar à Trindade, o Deus único, logo, o primeiro projeto a ser formulado para a igreja local teria de ser um projeto de adoração.

"e sobre esta pedra edificarei a minha igreja"

A edificação do corpo de Cristo é o processo de levar-nos todos, em conjunto, a ser a *"habitação de Deus no Espírito"* (Ef. 2.22)

Ser a *"habitação de Deus no Espírito"* é ser como Jesus Cristo, o "local" onde Deus habita e expressa-se livre e plenamente.

"Cristo ao vir à Terra tornou obsoleto o Tabernáculo, templo feito por mãos humanas. Ele Mesmo (Jesus) era o lugar de habitação divina entre os homens, uma verdade que é expressa especialmente em João 1.14 e 2.19-21. Este templo já não está mais entre os homens, e agora Deus procura para ser a Sua habitação as vidas de seres humanos que O permitirão entrar por Seu Espírito"⁵

Por que a edificação da Igreja é feita a partir da confissão-adoração *Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo?* O que é adoração?

Gosto da descrição de adoração, por parte de Paulo: *"E todos nós, com o rosto desvendado, contemplando, como por espelho, a glória do Senhor, somos transformados, de glória em glória, na sua própria imagem, como pelo Senhor, o Espírito". (2 Co 3.18)*

Francis Foulkes - Efésios - introdução e comentário - pgs 74, 75 - série cultura bíblica - edições Vida Nova - editora Mundo Cristão - 1986

Interessante notar que é a contemplação da glória do Senhor, e não do Senhor da glória. É a imagem da Sua glória que os adoradores são conformados. O que é a glória do Senhor? Essa resposta encontra-se no diálogo entre Moisés e Deus (Ex 33.18,19), onde Deus diz que, para mostrar a sua glória, faria passar por Moisés toda a sua bondade. A glória de Deus é a Sua bondade. Bondade, por sua vez, é a manifestação de um caráter bom. Deus é bom, logo, o que Ele faz é bondade, e bondade é sempre qualificação de algo que é feito por alguém para o (s) outro (s). Sua glória sustenta-se no que Ele é, porém, manifesta-se no que Ele fez. Contemplação de Sua glória é contemplação do Seu amor em ação. Jesus Cristo é a glória de Deus! Quando observamos ao Cristo, vemos a Trindade, o Deus do Universo, movimentando-se como Salvador. É no que observamos, quando vemos Deus em movimento de salvação, que o Espírito Santo nos transforma. Como Paulo declara:

"Tende em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus, pois ele, subsistindo em forma de Deus, não julgou como usurpação o ser igual a Deus; antes, a si mesmo se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-se em semelhança de homens; e, reconhecido em figura humana, a si mesmo se humilhou, tornando-se obediente até à morte e morte de cruz. Pelo que também Deus o exaltou sobremaneira e lhe deu o nome que está acima de todo nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho, nos céus, na terra e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é Senhor, para glória de Deus Pai". (Fp 2.5-11)

Paulo contempla Cristo a partir do que Ele fez. Dimensiona a magnitude do ato comparando-o com quem Jesus Cristo é. Reconhece a honra que Lhe é devida; entende as implicações de prestar-lhe tal homenagem e exorta a Igreja a conformar-se a Cristo no Seu sentimento. O que, na verdade, dá uma conotação existencial à conformação não é o fato de se ter as possibilidades de Cristo ou mesmo de concordar com Seus conceitos, mas é o sentir e reagir como Ele. É uma questão de desejo e de reação. O Espírito Santo nos leva a ter o mesmo sentimento que houve em Cristo Jesus.

A adoração, que é uma entrega⁴, inicia-se com a contemplação que abrange a admiração: *"Ó Senhor, Senhor nosso, quão magnífico em toda a terra é o teu nome. Pois expuseste nos céus a tua majestade"* (SI 8.1), com a exaltação do ser admirado: *"Eu, porém, renderei graças ao Senhor, segundo a sua justiça, e cantarei louvores ao nome do Senhor Altíssimo"* (SI 7.17), com temor ao Seu nome (medo de ofender a quem ama): *"Ensina-me, Senhor, o teu caminho, e andarei na tua verdade; dispõe-me o coração para só temer o teu nome"* (SI 86.11), com o desejo de comunhão com o ser adorado: *"Como suspira a corça pelas correntes das águas, assim, por ti, ó Deus, suspira a minha alma"* (SI 42.1), com o entregar-se ao ser adorado em completa confiança: *"Nele, o nosso coração se alegra, pois confiamos no seu santo nome"* (SI 33.21), com o desejo de assemelhar-se ao objeto da adoração: *"Sede, pois, imitadores de Deus, como filhos amados"* (Ef 5.1), e com a proclamação de Sua glória e para a Sua glória: *"Rendei graças ao Senhor, invocai o seu nome, fazei conhecidos, entre os povos, os seus feitos"* (SI 105.1). É nesse nível de contemplação que somos edificados.

O Pai, por meio da revelação, desvenda-nos o rosto; mostramos o Filho em Seu ato salvador; e, o Espírito Santo, a partir de nossa adoração, nos transforma (operando uma metamorfose) à semelhança d'Aquele que contemplamos em Sua glória. Assim Cristo edifica a sua Igreja: torna-a parecida com Ele, em Sua glória, à medida que O adoramos.

Como fazer para contemplar a glória do Filho?

Quero sugerir instrumentos para ser usados como "observatório" de Cristo:

A Bíblia - *"Examinai as Escrituras, porque julgais ter nelas a vida eterna, e são elas mesmas que testificam de mim."* (Jo 5.39) A Igreja deve ler as Escrituras para ver Jesus, o Seu caráter, manifesto em Sua vida sacrificial, Sua existência salvadora, não apenas para ter informações sobre Ele. Jesus é a vida eterna da qual nos fala o texto sagrado.

4. C.S.Lewis - Surpreendido pela alegria - pg 83 - editora Mundo Cristão - 1998

A Criação - "*Os céus proclamam a glória de Deus, e o firmamento anuncia as obras das suas mãos.*" (SI 19.1). A Criação expressa a glória de Deus. A glória de Deus é a Sua bondade (Ex. 33.19). A Igreja deve perscrutar a Criação para ver Jesus, a encarnação da bondade de Deus. Por termos a revelação especial - as Escrituras Sagradas - deixamos de observar a Criação, e, com isso, deixamos de ver as marcas de Deus no que Ele criou; na forma como dispôs a Criação, nos movimentos desta e, assim, perdemos muito da sabedoria e da bondade salvadora de Deus que o universo proclama. Aquilo que se manifesta nas suas leis da criação, na sua beleza, nos movimentos de suas criaturas; nas acomodações que, muitas vezes, soam-nos trágicas (terremotos, vulcões, maremotos, avalanches etc); nas compensações frente a perdas ou ataques humanos; na sua capacidade de se reciclar e de se recuperar, de produzir sua própria cura - uma sinfonia que fala da teimosia da vida frente a agressividade da morte e que, em última instância, fala de Jesus Cristo, que veio para que tivéssemos vida.

Nossa quarta resposta: Igreja é a habitação de Deus no Espírito, logo, é a reunião das pessoas que estão sendo transformadas pelo Espírito Santo à imagem e semelhança de Cristo.

"contemplando, como por espelho, a glória do Senhor,"

Que espelho é esse? Para responder essa questão é preciso perceber a particularidade desse texto. O teólogo Colin Kruse, acerca disso, declara: "Paulo emprega o particípio verbal *katoptrizomenoi*. A forma média do verbo *katoptrizo*, em geral, significa: 'olhar-se a si próprio, ou a algo, como num espelho', embora haja evidências de que também possa significar 'refletir como num espelho'.⁵" Sobre o mesmo tema já havia pontuado Calvino: "É verdade que o significado do verbo *katoptρίζestai* é incerto em grego, pois ele às vezes significa segurar um espelho para alguém nele mirar e, às vezes, olhar num espelho ao ser este segurado por alguém."⁶

Isso explica a diferença entre, pelo menos, duas traduções que temos em português: a REVISTA E ATUALIZADA NO BRASIL, SEGUNDA EDIÇÃO DA SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL, que usa o termo *contemplando*; e a VERSÃO REVISADA DE ACORDO COM OS MELHORES TEXTOS EM HEBRAICO E GREGO, QUARTA IMPRESSÃO DA JUERP/IMPrensa BÍBLICA BRASILEIRA que usa *refletindo*.

Apesar de ambos estudiosos preferirem o segundo significado, "olhar num espelho", parece-me que o uso dessa expressão pelo apóstolo Paulo dá à contemplação uma dimensão de dupla incidência, na qual, ao mesmo tempo em que contemplamos a glória do Senhor, como se estivéssemos olhando para um espelho (e a esta imagem sendo, portanto, conformados), atuamos, também, como um espelho colocado frente à glória do Senhor, que nele incide e por ele é refletido. Assim, da mesma maneira que contemplamos a glória do Senhor, tendo nela a imagem, cuja forma devemos tomar, a glória de Cristo incide em nós e, como um espelho, a refletimos: a Ele e ao mundo.

Isso faz sentido, porque tudo que a Igreja faz, o faz primeiro para Cristo, de modo que Ele possa ver-se em Seu povo {"*Ele verá o fruto de seu penoso trabalho*", Is 53.11). A Igreja contempla Cristo em Sua glória - sua obra de salvação - e Cristo contempla a Sua glória na Igreja - o Espírito Santo, que está em nós, torna-o possível - o que significa Cristo contemplando-nos enquanto fazemos, como Ele, o bem para todos (At 10.38). Assim projetamos o Jesus glorioso para os demais, o que faz com que a adoração não seja passiva, mas, solidária, isto é, as pessoas em geral e, principalmente, as que estão ao nosso redor, são abençoadas por causa de nossa adoração a Cristo.

Irradiamos o Senhor comportando-nos como Ele. Não de forma artificial, mas pelo poder do Espírito Santo, cujo fruto manifesta-se nos relacionamentos: "*Mas o fruto do Espírito é: amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio. Contra estas coisas não há lei*". (Gl 5.22,23) Amor é sempre dirigido a alguém, no caso, a Deus e ao próximo; *alegria* é demonstrada a alguém; paz é harmonia com Deus, consigo mesmo, com o próximo e com a Natureza; longanimidade é a capacidade de suportar sofrimento e principalmente a capacidade de sofrer

5. Colin Kruse - II Coríntios - introdução e comentário - pg 107 - série cultura bíblica - edições Vida Nova - Editora Mundo Cristão - 1994

6. João Calvino - 2 Coríntios - pg 78 - edições Paracletos - 1995

o próximo; benignidade é a disposição para o bem; bondade é a benignidade em ação a favor do próximo; fidelidade é o cumprimento dos compromissos assumidos com Deus e com o próximo; mansidão é um estilo de vida que leva o detentor de tal característica a relacionar-se com os demais sem exercer domínio sobre quem quer que seja; domínio próprio é continência que afeta principalmente a qualidade dos relacionamentos.

Um dos termômetros da adoração da Igreja é, portanto, o quanto a humanidade é beneficiada com isso.

"e as portas do inferno não prevalecerão contra ela".

Essa comunidade de adoradores que a revelação dada pelo Pai inaugura, como decorrência da transformação - fruto da adoração -, atacará o inferno e as portas deste não resistirão ao seu ataque.

Por que ataque? Porque fala das portas não prevalecerem. Jesus falava no contexto das cidades muradas, onde a porta é o último bastião, a última defesa; se as portas não resistem ao ataque, a cidade é invadida e tomada.

O que, entendo, está contido nessa afirmação é o fato de a Igreja ser o braço ministerial de Jesus Cristo - uma nação de soldados da libertação - pois, como disse João: *"Para isto se manifestou o Filho de Deus: para destruir as obras do diabo"*. (1 Jo 3.8)

Eis o projeto de Jesus: contar com uma nação de adoradores que é, a um só tempo, a Noiva e uma nação de soldados.

A Igreja é o Exército de Libertação sob o comando do Cristo Jesus, o Senhor. (Ap 19.19)

Nossa quinta resposta: Igreja é o Exército do Cristo, o braço ministerial do Cristo, por meio de quem Ele ataca o inferno, e destrói as obras do diabo (1 Jo 3.8).

Para que a Igreja possa ser eficaz como exército de Cristo, ela tem de ser eficaz como adoradora de Cristo, logo, o Exército depende da Noiva. Quem quer ver o Exército ser eficaz contra o inferno tem de, primeiro, ocupar-se de desenvolver o ministério de adoração da Igreja. Como já sugerido, o primeiro projeto da Igreja é um projeto de adoração. A influência da Igreja no mundo, fruto do ataque ao inferno, é consequência de uma adoração solidária.

À medida que a Igreja vai sendo edificada vai, também, assumindo seu papel ministerial, ou seja, destruindo as obras do diabo. Quanto mais a Igreja adora, mais parecida a Jesus de Nazaré se torna, mais manifesta Cristo, mais vai tomando forma de *"casa de Deus"*, mais eficaz se torna contra o inferno.

CAPÍTULO 2

Expressão da Trindade

Paulo, em Efésios, capítulo 2. 11-15, oferece outra resposta à pergunta que inicia o capítulo anterior:

[11] Portanto, lembrai-vos de que, outrora, vós, gentios na carne, chamados incircuncisão por aqueles que se intitulam circuncisos, na carne, por mãos humanas,

[12] naquele tempo, estáveis sem Cristo, separados da comunidade de Israel e estranhos às alianças da promessa, não tendo esperança e sem Deus no mundo.

[13] Mas, agora, em Cristo Jesus, vós, que antes estáveis longe, fostes aproximados pelo sangue de Cristo.

[14] Porque ele é a nossa paz, o qual de ambos {ambos: judeus e gentios} fez um; e, tendo derribado a parede da separação que estava no meio, a inimizade,

[15] aboliu, na sua carne, a lei dos mandamentos na forma de ordenanças, para que dos dois criasse, em si mesmo, um novo homem, fazendo a paz,

Mais uma vez, vamos versículo por versículo:

[11] Portanto, lembrai-vos de que, outrora, vós, gentios na carne, chamados incircuncisão por aqueles que se intitulam circuncisos, na carne, por mãos humanas,

O apóstolo começa a conversa lembrando aos efésios o seu passado espiritual: eram incircuncisos, isto é, não tinham nenhum

acordo com Deus; ele falava do pacto celebrado entre Deus e Abraão, descrito em Gn 17. 1-14:

[1] "Quando atingiu Abrão a idade de noventa e nove anos, apareceu-lhe o SENHOR e disse-lhe: Eu sou o Deus Todo-Poderoso; anda na minha presença e sê perfeito".

[2] "Farei uma aliança entre mim e ti e te multiplicarei extraordinariamente. "

[3] "Prostrou-se Abrão, rosto em terra, e Deus lhe falou:"

[4] "Quanto a mim, será contigo a minha aliança; serás pai de numerosas nações."

[5] "Abrão já não será o teu nome, e sim Abraão; porque por pai de numerosas nações te constituí."

[6] "Far-te-ei fecundo extraordinariamente, de ti farei nações, e reis procederão de ti."

[7] "Estabelecerei a minha aliança entre mim e ti e a tua descendência no decurso das suas gerações, aliança perpétua, para ser o teu Deus e da tua descendência."

[8] "Dar-te-ei e à tua descendência a terra das tuas peregrinações, toda a terra de Canaã, em posse perpétua, e serei o seu Deus."

[9] "Disse mais Deus a Abraão: Guardarás a minha aliança, tu e a tua descendência no decurso das suas gerações."

[10] "Esta é a minha aliança, que guardareis entre mim e vós e a tua descendência: todo macho entre vós será circuncidado."

[11] "Circuncidareis a carne do vosso prepúcio; será isso por sinal de aliança entre mim e vós."

[12] "O que tem oito dias será circuncidado entre vós, todo macho nas vossas gerações, tanto o escravo nascido em casa como o comprado a qualquer estrangeiro, que não for da tua estirpe."

[13] "Com efeito, será circuncidado o nascido em tua casa e o comprado por teu dinheiro; a minha aliança estará na vossa carne e será aliança perpétua."

[14] "O incircunciso, que não for circuncidado na carne do prepúcio, essa vida será eliminada do seu povo; quebrou a minha aliança."

A circuncisão é anterior à Lei. É a marca que denota que o homem (incluindo os seus descendentes) é um dos escolhidos de

Deus e que, entre eles, há um pacto: ele é de Deus e Deus é dele (v 7). Entretanto, Paulo adverte que essa circuncisão, de que tanto os circuncisos se orgulham, a ponto de estigmatizar os que não o são, é feita por mãos humanas. A impressão é a de que o apóstolo chama a atenção para um elo fraco da corrente - é feita por homens, logo, é externa e imperfeita. Contudo, é aliança.

[12] naquele tempo, estáveis sem Cristo, separados da comunidade de Israel e estranhos às alianças da promessa, não tendo esperança e sem Deus no mundo.

Algun efésio poderia perguntar: "E daí, que eu não sou circuncidado, que não faço parte desse pacto?" Esta é a resposta de Paulo: estar fora do pacto é estar sem saída existencial; é estar, literalmente, perdido. Não adiantava o efésio tentar seguir a lei moral, ele não passara pela circuncisão (que era uma ordenança); não pertencia ao povo para quem valia a pena cumprir a Lei, por causa do pacto que havia celebrado com Deus. Converter-se ao Deus dos judeus era, obrigatoriamente, tornar-se judeu, submetendo-se a tudo o que isso significava.

[13] Mas, agora, em Cristo Jesus, vós, que antes estáveis longe, fostes aproximados pelo sangue de Cristo.

O sangue de Jesus quebrou a lógica angustiante da circuncisão. Por ter Cristo morrido por todos os homens e não apenas pelos circuncisos, aproximou os efésios, e todos os não-judeus que creram em Jesus, de Deus e de Suas promessas. O ato de Jesus está relacionado com o que aconteceu no Éden, não ao que aconteceu em Ur dos caldeus (terra de Abrão). Como a crise do Éden afeta toda a raça humana, todos os povos estão inclusos, tanto na crise como na sua solução; logo, já não estamos mais separados da comunidade de Israel, uma vez que fomos aproximados ao mesmo Deus e às mesmas possibilidades.

[14] Porque ele é a nossa paz, o qual de ambos fez um; e, tendo derribado a parede da separação que estava no meio, a inimizade,

E mais: em relação a Deus não há mais privilegiados, somos um povo só - estamos unidos pela queda. A inimizade, constituída pelos privilégios de um frente ao infortúnio do outro, foi derrubada. O sacrifício de Cristo denunciou a real situação da raça e sua verdadeira carência.

Estamos nas mesmas condições: somos pecadores que carecem da glória de Deus (Rm 3.23). Há paz, porque não há mais como um povo considerar-se em melhores condições que outro. No que tange ao destino eterno, encontramos-nos, todos, no mesmo estado de necessidade, o que nos classifica como uma só espécie - pecadores.

[15] aboliu, na sua carne, a lei dos mandamentos na forma de ordenanças, para que dos dois criasse, em si mesmo, um novo homem (um só novo homem)⁷, fazendo a paz.

O que os judeus não compreenderam é que a Lei (sendo cumprida) era, apenas em tese, o caminho para a Salvação, pois ninguém conseguia cumpri-la, daí a necessidade de se oferecer o holocausto (Rm 3.19,20).

A Lei, na prática, mostra a todos que Deus tinha bons motivos para condenar-nos, pois há algo em nós que nos coloca numa condição tal, que, por mais que tentemos, não conseguimos cumpri-la.

Nossos crimes de: blasfêmia (porque acreditamos na descrição que o inimigo de nossas almas fez do caráter de Deus - ele nos apresenta Deus como alguém mentiroso e egoísta - Gn 3.4,5); de rebelião (porque desobedecemos), de suicídio (porque escolhemos a morte) condenou-nos a ficarmos separados de Deus pela eternidade. Essa condenação, a exemplo da pena de prisão perpétua, indica que o crime cometido é impagável - o criminoso vai passar a vida toda no cárcere sem nunca conseguir satisfazer a justiça. Esse crime é, ainda, mais impagável por ter acontecido dentro de nós - foi no coração que pecamos contra Deus - o que comprometeu para sempre a nossa natureza, tornamo-nos maus. Nosso cárcere é a região das trevas.

7. versão da Bíblia de Jerusalém - Paulus

Só a entrega voluntária à morte de um membro de nossa raça - desde que essa pessoa não estivesse, por natureza, nem fosse, por comportamento, maculada pelo mal - poderia nos livrar do cárcere, por satisfazer a justiça divina. O problema é que o mal é endêmico à região das trevas, todos os que nela nascem são dele acometidos desde a concepção (SI 51.5).

Por isso o Deus Filho se fez homem: Jesus de Nazaré.

Só Jesus de Nazaré cumpriu a Lei. Ele nasceu sem pecado, isto é, sem aquele "algo" que nos atormenta (ao ser gerado pelo poder do Espírito Santo escapou da dimensão das trevas, a exemplo do primeiro Adão, foi concebido e nasceu na luz), e sem pecado continuou, embora tenha sido tão exposto à tentação quanto todos nós. Ao viver sem pecado, Jesus Cristo honrou a Deus onde Adão o havia desonrado.

Por isso o sangue de Jesus nos aproximou do Pai: ao morrer sem pecado, Jesus, o segundo representante da raça humana, satisfaz a justiça divina - isto é, pagou pelo crime cometido pela raça, por meio de Adão, seu primeiro representante - tornando-se, portanto, única porta de entrada para o pacto com Deus. Quem entra por essa porta recebe a verdadeira circuncisão, a que circuncida a nossa natureza carnal, e que nos torna, de fato, membros do povo de Deus: *"Nele, também fostes circuncidados, não por intermédio de mãos, mas no despojamento do corpo da carne, que é a circuncisão de Cristo"*. (Cl 2.11) Toda a humanidade, portanto, só pode ser salva por Jesus.

"um só novo homem"

Segundo Paulo, Jesus tem um objetivo que dá à Salvação um propósito que extrapola o simples "sair da prisão onde a raça humana colocou-se". O propósito de Cristo é criar, em si, um novo homem.

Segundo Francis Foulkes, a proposta presente aqui é a de, dos dois, judeus e gentios, criar algo único - proposição muito mais

profunda que a idéia de formar um único povo⁸. É um conceito de unidade.

Isso nos remete à questão do significado desse novo homem. Parece claro que não se trata de fazer de todos os cristãos uma única pessoa, pois nem Deus é uma pessoa só. Também, não se reduz ao fato de cada seguidor de Cristo ser uma nova criatura, como enfatiza Francis Foulkes.

William Barclay, citado por Foulkes, diz que é um novo tipo de Criação. Penso que o comentário de Barclay chama a atenção para a especificidade do termo, o que é reforçado pela tradução adotada pela Bíblia de Jerusalém⁹, em português: "um só novo homem". Gostaria de propor, portanto, que essa nova criação trata da restauração da criação do homem à imagem e semelhança de Deus.

Voltemos ao início.

"Também disse Deus: Façamos o homem a nossa imagem, conforme a nossa semelhança; (...) Criou Deus, pois, o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou;" (Gn 1.26, 27)

Esse texto marca uma mudança de ritmo e de forma na Criação. Até então, Deus falava e tudo vinha à existência. Antes da Criação do homem temos uma declaração de intenção e uma descrição.

"Façamos o homem..."

A teologia cristã entende que essa afirmação nos apresenta a Trindade - doutrina que afirma haver três pessoas e um só Deus: Pai, Filho e Espírito Santo, como declara G. W. Bromiley.¹⁰

8. Foulkes, Francis - Efésios, introdução e comentário - Mundo Cristão - Edições Vida Nova

9. op. cit.

10. in artigo Trindade, in Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã - v.3 - W..A. Elwell - editor - ed. Vida Nova

Gosto de pensar nesse texto como uma declaração de intenção; como se tivesse havido uma conferência entre as três pessoas, cuja conclusão fosse a criação do ser humano.

"Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança;"

Eis a descrição do projeto: o homem seria à imagem e semelhança do Criador.

O que significaria isto?

Primeiro, quem é o Criador? Uma vez que o homem foi criado tendo-o como modelo, responder a essa pergunta é crucial para a compreensão do que significa o termo "homem".

Como declara Bromiley¹¹, o Deus do Universo, para os cristãos, é a unidade de três pessoas: Pai, Filho e Espírito Santo.

É uma comunhão, uma família, uma comunidade. Há três pessoas e um só Deus.

Para James Huston, "Deus é o permanente conselho das três pessoas eternas".

Sobre o tema, Stanley Rosenthal¹² afirma: "A última palavra hebraica da *Shema 'Ouve, Israel, o Senhor, nosso Deus, é único'* (Dt 6.4) é *echad*, que, embora traduzido por 'único', é um substantivo coletivo - em outras palavras, um substantivo que demonstra unidade, ao mesmo tempo que se trata de uma unidade que contém várias entidades. Poderíamos citar exemplo: em Números 13.23 lemos que os espias pararam em Escol onde 'cortaram um ramo de vide com um cacho de uvas'. A palavra que aqui aparece como 'um', em 'um cacho', novamente é *echad*, no hebraico. Mas, como é evidente, esse único cacho de uvas consistia em muitas uvas."

Segundo Rosenthal, a palavra *echad*, embora traduzida por "unidade", fala de um conceito de unidade que não tem sido devidamente explorado; uma unidade que contempla, em si, diversidade.

Essa colocação aponta para a possibilidade de se falar sobre unidade sem, contudo, restringir-se ao conceito de uma peça única. É um conceito que talvez pudesse ser melhor traduzido por "um conjunto único, distinto, só reconhecido como tal, e inconfundível".

O que afirmamos, quando falamos da Trindade, senão uma unidade que contém, em si, diversidade, a unidade das três pessoas co-eternas e co-todo-poderosas, unidade que não é mero ajuntamento, mas, comunhão profunda?

O que significa ser "imagem e semelhança" de Deus? Saber isso é compreender como deveríamos ser.

Derek Kidner¹³ diz que, para alguns teólogos, " '*imagem*' é a indelével constituição do homem como ser racional e como ser moralmente responsável e '*a semelhança*' é aquela harmonia com a vontade de Deus, perdida com a queda". Ele, porém, diz que não há, no original, a partícula aditiva "e", de modo que os termos se reforcem (a palavra, então, seria imagem-semelhança). A imagem seria "expressão ou transcrição do Criador eterno e incorpóreo em termos de uma existência temporal, corpórea e própria de uma criatura - como se poderia tentar a transcrição, digamos, de um poema épico numa escultura, ou de uma sinfonia num soneto." O que, segundo Kidner, perdemos dessa imagem-semelhança, na queda, foi o amor, que recuperaremos quando for retomada nossa plena comunhão com o Senhor.

"Complicado...", alguém pode pensar. E é mesmo. O que só comprova a dificuldade de trabalharmos a questão do significado do termo "imagem-semelhança".

Sem menosprezar a dificuldade inerente ao tema, pensando na definição: " '*imagem*' é a indelével constituição do homem como ser racional e como ser moralmente responsável e '*à semelhança*' é aquela harmonia com a vontade de Deus, perdida com a queda"; gostaria de propor algumas considerações:

Não são os anjos, também, seres moralmente responsáveis?

Pedro disse: "*Ora, se Deus não poupou anjos quando pecaram...*" (2 Pe 2.4)

11. op. cit.

12. A Tri-unidade de Deus Velho Testamento - Stanley Rosentahl - Fiel

13. Gênesis - introdução e comentário série cultura bíblica - Derek Kidner eds Mundo Cristão/Vida Nova

Como os anjos poderiam pecar, se não fossem moralmente livres, uma vez que a opção pelo pecado pressupõe capacidade de escolha?

"...reservando-os para juízo" (2 Pe 2.4)

Como qualquer ser pode ser julgado, se não for moralmente responsável?

Não são os anjos, também, racionais?

Como os anjos poderiam comunicar-se de maneira lógica conosco, como fizeram, por exemplo, com Ló (Gn 19.10-22), se não fossem seres racionais?

Ao observar diálogos entre anjos e homens, como com Ló, supracitado, ou com Zacarias (Lc 1.8-23), ou com Paulo (At 27.22-24) parece-me não haver dúvidas de que os anjos, também, são seres racionais.

Se, o ser *imagem de Deus*¹⁴ "é a indelével constituição do homem como ser racional e como ser moralmente responsável" e, se a semelhança está na "harmonia com a vontade de Deus", então, os anjos fiéis também poderiam ser classificados assim, pois, como parece-me demonstrável, são seres racionais e moralmente responsáveis que não perderam nada de sua criação original mantendo harmonia com a vontade de Deus.

Se, o ser *imagem-semelhança*, como diz Kidner¹⁵, é ser transcrição do eterno em termos de existência temporal, os anjos, também, estariam incluídos nessa condição, uma vez que são criaturas que, num determinado espectro, expressam Deus. (Ex 23.20,21), e que, por terem sido criados, estão no tempo, pois tiveram início, ainda que o tempo, talvez, não lhes faça diferença.

Entretanto, somente do homem é dito que foi criado à imagem e semelhança de Deus. Que teríamos, então, que nos dá esta exclusividade?

Gosto de pensar que esta *imagem-semelhança* inclui, além do já citado, algo que só é comum a Deus e a nós: a unidade. Entendo

que, guardadas as devidas proporções, somos as únicas criaturas de Deus que podem alcançar o que Deus vive: a unidade, onde dois ou mais são um só.

Vejam se isso aparece no processo da nossa criação:

"E criou Deus o homem a sua imagem; à imagem de Deus os criou: macho e fêmea os criou." (Gn 1.27) (RC).

Seriam, realmente, duas criações? Visitemos outros textos.

"Então, formou o Senhor Deus ao homem do pó da terra e lhe soprou nas narinas o fôlego de vida, e o homem passou a ser alma vivente." (Gn 2.7)

Então, o Senhor Deus fez cair pesado sono sobre o homem, e este adormeceu; tomou uma das suas costelas e fechou o lugar com carne. E a costela que o Senhor Deus tomara ao homem, transformou-a numa mulher e lha trouxe." (Gn 2.21,22)

Entendo que macho e fêmea são descritos como uma única criação, já que o barro e o sopro (que dá vida ao ser humano) só aparecem uma vez. O segundo ser não é uma segunda criação mas uma duplicação do ser criado. Sendo que, no segundo ser, Deus fez desabrochar características que não fizera desabrochar no primeiro.

"Este é o livro da genealogia de Adão. No dia em que Deus criou o homem, à semelhança de Deus o fez; homem e mulher os criou, e os abençoou, e lhes chamou pelo nome de Adão, no dia em que foram criados." (Gn 5.1,2)

Duas pessoas, um só nome. Quando o Criador celebrou o primeiro casamento (Gn 2.24) surgiu o homem à imagem-semelhança da Trindade.

Adão era o nome do casal, não apenas do ser masculino, Adão era o nome do casal.

A mulher só ganhou o nome de Eva depois da queda: *"E deu o homem o nome de Eva a sua mulher, por ser a mãe de todos os seres humanos" (Gn 3.20).* Quando, então, o macho passou a ter governo sobre a fêmea: *"e à mulher disse: (...) o teu desejo será para o teu marido, e ele te governará" (Gn 3.16).* Se Deus condenou a mulher a essa condição de subserviência ao homem como consequência da queda, é de se supor que antes não era assim, isto é, que a relação entre ambos não era de governo. Antes da queda, a relação entre

14. Também, segundo Kidner, op. cit., dizem alguns teólogos.

15. Op. cit.

macho e fêmea era de unidade - deviam se ver como extensão um do outro, além do que não eram distintos por Deus.

Por isso, o homem, à imagem e semelhança de Deus, sugiro, é um ser coletivo. Quando Deus chamava: "Adão!", macho e fêmea se voltavam para falar com Ele.

Novamente, guardadas as devidas proporções, o macho e a fêmea estavam um para o outro como as pessoas da Trindade Santa estão entre Si. Eram duas pessoas e um só homem.

"Em Gn 2.24, Deus (...) instruiu marido e mulher a tornarem-se 'os dois uma só carne', indicando que aquelas duas pessoas uniram-se, formando perfeita e harmônica unidade. Em tal caso, novamente, a palavra hebraica é *echad*", afirma Stanley Rosenthal¹⁶; a mesma palavra que descreve a unidade de Deus no Shema (Dt 6.4)

Se Deus é uma família, Sua imagem-semelhança também o tem de ser.

Se Deus é uma unidade-comunhão, Sua imagem-semelhança também o tem de ser.

Note-se que, independente da conclusão que proponho, o projeto divino privilegiou a unidade: criou uma pessoa e a duplicou. Duas pessoas, portanto, vieram a existir a partir de uma única manipulação do barro e de um único ato divino de soprar. Matriz e duplicata formaram, apenas, um casal. A matriz nunca mais seria duplicada, a raça seria formada pela multiplicação, fruto de entrega mútua, entre o casal; toda a raça seria, por conseguinte, uma só família.

Deus criou-nos tendo a Si como modelo. O que caracteriza a Trindade é o amor, vínculo da perfeição (Cl 3.14), que une perfeitamente. Deus criou-nos para, a exemplo da Trindade, nos amarmos com esse amor que unifica; criou-nos para vivermos em unidade; criou-nos em "unidade" e para a unidade.

Se não tivéssemos caído, penso que hoje seríamos bilhões de pessoas que, à semelhança da Trindade, nos amaríamos de tal forma que, apesar de muitos, seríamos um só homem: o homem à imagem e semelhança de Deus. O homem à imagem e semelhança de Deus, guardadas as devidas proporções, é como Ele - unidade, no nosso caso, formada a partir da comunhão de todos os seres

16. A Tri-unidade de Deus no Velho Testamento - Stanley Rosenthal - Fiel

humanos. A queda, de fato, foi marcada pela quebra de unidade entre o homem e Deus, entre macho e a fêmea.

Mesmo que a graça comum tenha nos mantido em condições de experimentarmos, ainda que de modo extremamente rarefeito, a possibilidade de união - que é inferior ao conceito de unidade - o que perdemos é algo que não temos mais condições de apreender.

Ao afirmar o texto que estamos analisando: "para que dos dois criasse, em si mesmo, um novo homem (um só novo homem)"¹⁷, fazendo a paz," Paulo está nos comunicando o projeto de Jesus: a retomada do homem à imagem e semelhança de Deus, desse homem-comunhão que expressa a Trindade.

É uma nova Criação, uma vez que fruto da ressurreição, mas não uma nova forma, porém, a retomada da forma perdida¹⁸. É a retomada do projeto do Gênesis; como disse Jesus em Lc 19.10: *Porque o Filho do Homem veio buscar e salvar o que se havia perdido*¹⁹. Assim, cada ser humano é criatura à imagem-semelhança de Deus, por trazer em si a possibilidade de "mutatis mutandis" experimentar a unidade (característica eminentemente divina).

A Igreja é, portanto, por definição, este novo homem. Para que esse novo homem pudesse ressurgir Jesus se sacrificou. Assim chegamos à nossa sexta resposta: a Igreja é a imagem-semelhança de Deus, o novo homem coletivo.

Paulo disse: *"e, assim, habite Cristo no vosso coração, pela fé, estando vós arraigados e alicerçados em amor, afim de poderdes compreender, com todos os santos, qual é a largura, e o comprimento, e a altura, e a profundidade e conhecer o amor de Cristo, que excede todo entendimento, para que sejais tomados de toda a plenitude de Deus"*. (Ef 3.17-19)

Se a Igreja é este homem coletivo, cada igreja local deveria ter como objetivo alcançar, na prática, esse nível de comunhão - o que acabará por manifestar, ainda que imperfeitamente, a unidade que somos. Dessa maneira, além de um projeto de adoração, a igreja local deveria ter um projeto de comunhão.

17. A Bíblia de Jerusalém - Paulus

18. op. cit. pg 71

19. Edição Revista e Corrigida

CAPITULO 3

Operacionalizando o Novo Homem

Paulo, em Efésios 2.16-22, aprofunda o tema do novo homem:

[16] e reconciliasse ambos em um só corpo com Deus, por intermédio da cruz, destruindo por ela a inimizade.

[17] E, vindo, evangelizou paz a vós outros que estáveis longe e paz também aos que estavam perto;

[18] porque, por ele, ambos temos acesso ao Pai em um Espírito.

[19] Assim, já não sois estrangeiros e peregrinos, mas concidadãos dos santos, e sois da família de Deus,

[20] edificados sobre o fundamento dos apóstolos e profetas, sendo ele mesmo, Cristo Jesus, a pedra angular;

[21] no qual todo o edifício, bem ajustado, cresce para santuário dedicado ao Senhor,

[22] no qual também vós juntamente estais sendo edificados para habitação de Deus no Espírito.

Continuemos passo a passo com o apóstolo:

[16] e reconciliasse ambos em um só corpo com Deus, por intermédio da cruz, destruindo por ela a inimizade.

Se é um só novo homem, só poderia ser um só corpo.

Ambos, judeus e gentios são reconciliados com Deus, num corpo. Não há projetos particulares para cada povo. Quem quiser, pela graça, ser reconciliado com Deus, o é nesse corpo. Que existe porque Cristo veio para criar um novo homem coletivo, isto é, para

restaurar a humanidade como expressão de Deus. Ser reconciliado com Deus é reconciliar-se com a humanidade - alistando-se no projeto de restaurá-la como a unidade que expressa Deus - não há lugar para misantropia no projeto de Cristo.

[17] E, vindo, evangelizou paz a vós outros que estáveis longe e paz também aos que estavam perto;

Essa paz é, em princípio, com Deus e é, como diz Francis Foulkes,²⁰ por conseguinte, paz e concórdia com o próximo. Poder-se-ia acrescentar: paz pessoal e com a Criação. Essa paz é o princípio da unidade. Interessante pensar que evangelizar é "chamar à paz". Outra forma, portanto, de definir pecado é "estado de guerra" - com Deus, consigo mesmo, com o próximo e com a Criação.

Paz, assim, entre outras coisas, é aceitação geral: aceitamos as demandas de Deus, aceitamos o que somos e as mudanças que precisamos sofrer, aceitamos o próximo, aceitamos o ecossistema. Gosto da idéia de que aceitar é admitir e compartilhar espaços.

Não seria essa a melhor forma de diagnosticar o que está acontecendo na sociedade? Não estariam todos os relacionamentos marcados por alguma forma de violência?

Sem paz o *novo homem* não pode ser restaurado. Até porque ele só existe pelo fato de Cristo ter conseguido celebrar essa paz. Em contrapartida, só se buscarmos viver o *novo homem* nos manteremos na paz e em paz.

[18] porque, por ele, ambos temos acesso ao Pai em um Espírito.

Todo mundo (judeus e gentios) pode ir ao Pai (desfrutá-lo) somente através de Cristo Jesus. Estar em Cristo é estar no Corpo, sendo, portanto, parte do *novo homem*. Jesus Cristo é a "estrada" e o Espírito Santo é o "ônibus" que nos leva, e é de dentro desse ônibus que comungamos com o Pai. Todos que nos convertemos estamos dentro desse "ônibus" (fomos batizados, mergulhados no Espírito Santo - ICo 12.13). Certamente, é por isso que cada um

20. op. cit. pg 71

de nós chega à presença do Pai e tem de dizer: "Pai nosso". A gente está na presença do Pai, mas não estamos sozinhos, todos os irmãos estão juntos - somos membros uns dos outros. Sempre que oramos o fazemos a partir do Corpo e como representantes deste. É, portanto, dentro do contexto do *novo homem* que se vai à presença do Pai. Não há lugar para projetos individualistas na Igreja. Há uma cumplicidade estabelecida pela cruz que tem de ser vivida pela Igreja, pois, se vivida, visibilizará ao *novo homem*.

[19] Assim, já não sois estrangeiros e peregrinos, mas concidadãos dos santos, e sois da família de Deus,

Estamos no mesmo Espírito, logo, somos uma mesma nação, estamos no mesmo lugar, temos o mesmo nome e o mesmo Pai: somos irmãos, somos uma mesma família.

Essa consciência nos levará à prática da fraternidade, que, uma vez praticada, nos levará à vivência do *novo homem*.

[20] edificados sobre o fundamento dos apóstolos e profetas, sendo ele mesmo, Cristo Jesus, a pedra angular;

Apesar de insistirmos nas diferenças, cremos, basicamente, a mesma coisa (senão, não estaríamos na Igreja). Estamos, como pedras vivas (1 Pe 2.5), assentados sobre o mesmo alicerce, que é Cristo Jesus, como o Filho do Deus vivo, como Deus conosco.

Para que o *novo homem* possa se manifestar e cumprir sua missão, somos desafiados a, humildemente, assumir essas verdades privilegiando as bases comuns e não as diferenças.

Nosso compromisso com o aparecimento do novo homem, na história, exige que sejamos humildes, de modo a nos tolerarmos e a aprendermos uns com os outros, até termos o mesmo pensar.

[21] no qual todo o edifício, bem ajustado, cresce para santuário dedicado ao Senhor,

Propósito 1: sermos o lugar onde Deus é adorado perfeitamente: também vós mesmos, como pedras que vivem, *sois edificados*

casa espiritual para serdes sacerdócio santo, a fim de oferecerdes sacrifícios espirituais agradáveis a Deus por intermédio de Jesus Cristo. (1Pe2.5)

A Igreja, para ser santuário, tem de crescer em Cristo, para crescer em Cristo tem de praticar a unidade que Ele implantou na cruz (bem ajustado - formando uma parede só). Jesus é o alicerce e o Espírito Santo é o construtor que ajusta cada pedra e material: cada membro da Igreja precisa entender que ser gente é fazer parte de uma raça que existe para expressar Deus, e que somos cada vez mais gente quanto mais deixamos o amor de Deus nos levar em direção do outro, para que a unidade se manifeste. Assim o Espírito Santo ajusta cada pedra. Primeiro ele comunica, em cada coração, o quanto Deus nos ama (Rm 5.5) e, então, nos faz amar com esse amor, que é o fruto do Espírito (Gl 5.22), fazendo-nos ser como Jesus Cristo e, portanto, viver para o outro, em direção à unidade. Nesse caminhar encontramos, cada qual, nossa identidade, temos todo nosso potencial desenvolvido e colaboramos para o crescimento do edifício-humanidade, morada de Deus.

Para que o Deus Trino possa ser adorado como quer e deve ser, a Igreja tem de submeter-se ao Espírito Santo para que, a partir do que o Senhor Jesus Cristo é e fez, vivamos a unidade que Cristo nos tornou, crescamos à semelhança de Cristo, para que adoremos a Deus na beleza de Sua santidade (1 Cr 16.29).

Crescer à semelhança de Cristo é crescer como *novo homem*. É na realidade do novo homem que Deus é adorado como quer e deve ser.

[22] no qual também vós juntamente estais sendo edificados para habitação de Deus no Espírito.

Propósito 2: sermos o lugar onde Deus manifesta plenamente sua presença e é perfeitamente expressado.

Jesus Cristo criou o *novo homem* para que Deus possa ter sua morada. Apesar da boa vontade de Davi, que desejou construir uma casa para Deus, e de Salomão, que construiu o templo, um Deus vivo tem de morar numa casa viva.

Edificar é tornar um (vários materiais, uma só casa).

Deus nos criou como unidade para que o expressássemos, ainda que a graça comum tenha mantido, em parte, a possibilidade de experimentar algo dessa unidade, nas várias manifestações do amor. Perdemos, com a queda, nossa possibilidade de expressar a Trindade, segundo o Seu propósito.

Jesus Cristo retoma o projeto do gênesis: cria o *novo homem*.

O *novo homem* retoma o destino da humanidade: ser a morada de Deus - a Trindade: *"Então, ouvi grande voz vinda do trono, dizendo: Eis o tabernáculo de Deus com os homens. Deus habitará com eles. Eles serão povos de Deus, e Deus mesmo estará com eles"*. (Ap 21.3)

Esse é o desafio dado a cada igreja local: alcançar e demonstrar, na prática, essa unidade.

Isso implica que, concomitante à adoração, o primeiro projeto para a igreja local deveria ser um projeto de comunhão e, consequentemente, de pastoreio com vistas à unidade - um pastoreio cristocêntrico voltado para a edificação da Igreja. É interessante pensar que pastorear é ajudar a ovelha de Cristo a ser uma pessoa, isto é, a relacionar-se com os demais membros de rebanho, numa interdependência amorosa, com vistas ao surgimento do novo homem "para habitação de Deus no Espírito". Relacionar-se como pessoa é semelhante ao relacionamento do bebê como seus pais, um relacionamento de amor, carinho, pertinência, doação e recepção sem o qual é impossível sobreviver; uma existência que se sustenta no compartilhamento, na dependência.

Mas, haveria uma orientação sobre como cada cristão deveria viver, no dia a dia, para que o projeto de unidade que Jesus Cristo tem para a Igreja se torne realidade? Consultemos Colossenses capítulo 3, versos de 1 a 17:

[1] *Portanto, se fostes ressuscitados juntamente com Cristo, buscai as coisas lá do alto, onde Cristo vive, assentado à direita de Deus.*

[2] *Pensai nas coisas lá do alto, não nas que são aqui da terra;*

[3] *porque morrestes, e a vossa vida está oculta juntamente com Cristo, em Deus.*

[4] *Quando Cristo, que é a nossa vida, se manifestar, então, vós também sereis manifestados com ele, em glória.*

[5] *Fazei, pois, morrer a vossa natureza terrena: prostituição, impureza, paixão lasciva, desejo maligno e a avareza, que é idolatria;*

[6] *por estas coisas é que vem a ira de Deus sobre os filhos da desobediência.*

[7] *Ora, nessas mesmas coisas andastes vós também, noutro tempo, quando vivíeis nelas.*

[8] *Agora, porém, despojai-vos, igualmente, de tudo isto: ira, indignação, maldade, maledicência, linguagem obscena do vosso falar.*

[9] *Não mintais uns aos outros, uma vez que vos despistes do velho homem com os seus feitos*

[10] *e vos revestistes do novo homem que se refaz para o pleno conhecimento, segundo a imagem daquele que o criou;*

[11] *no qual não pode haver grego nem judeu, circuncisão nem incircuncisão, bárbaro, cita, escravo, livre; porém Cristo é tudo em todos.*

[12] *Revesti-vos, pois, como eleitos de Deus, santos e amados, de ternos afetos de misericórdia, de bondade, de humildade, de mansidão, de longanimidade.*

[13] *Suportai-vos uns aos outros, perdoai-vos mutuamente, caso alguém tenha motivo de queixa contra outrem. Assim como o Senhor vos perdoou, assim também perdoai vós;*

[14] *acima de tudo isto, porém, esteja o amor, que é o vínculo da perfeição.*

[15] *Seja a paz de Cristo o árbitro em vosso coração, à qual, também, fostes chamados em um só corpo; e sede agradecidos.*

[16] *Habite, ricamente, em vós a palavra de Cristo; instruí-vos e aconselhai-vos mutuamente em toda a sabedoria, louvando a Deus, com salmos, e hinos, e cânticos espirituais, com gratidão, em vosso coração.*

[17] *E tudo o que fizerdes, seja em palavra, seja em ação, fazei-o em nome do Senhor Jesus, dando por ele graças a Deus Pai.*

Eis a argumentação do autor:

[1] *Portanto, se fostes ressuscitados juntamente com Cristo, buscai as coisas lá do alto, onde Cristo vive, assentado à direita de Deus.*

Não bastava que alguém por nós morresse, precisávamos que alguém, por nós, vencesse a morte. Cristo fez isto. Saímos da morte embora, fisicamente, esta ainda não tenha saído de nós. Espiritualmente, portanto, já estamos na mesma dimensão em que Cristo está.

E onde Cristo está? Ele está desfrutando da Sua glória, na Trindade: *"e, agora, glorifica-me, ó Pai, contigo mesmo, com a glória que eu tive junto de ti, antes que houvesse mundo"* (Jo 17.5). Há, portanto, novos padrões a serem apropriados: os padrões da Trindade.

[2] Pensai nas coisas lá do alto, não nas que são aqui da terra;

Esses novos padrões têm de ser nossos novos pressupostos, mudando o princípio e a forma de pensarmos. Precisamos reaprender a ser gente.

[3] porque morrestes, e a vossa vida está oculta juntamente com Cristo, em Deus.

Ser salvo é ter sido inserido em Cristo. Essa é a obra do Espírito nos que crêem: nós em Cristo, Cristo em Deus, nós em Deus.

Salvação é mudança de estado existencial, daí a necessidade de mudança de conceitos e premissas. Morremos para as coisas do sistema que a Bíblia chama de mundo; estamos vivos para o Deus.

[4] Quando Cristo, que é a nossa vida, se manifestar, então, vós também sereis manifestados com ele, em glória.

Estamos inseridos em Cristo; onde Ele aparece, aparecemos também. A vida passa a ser vivida n'Ele e a partir d'Ele.

Por ser uma revolução ontológica onde o ser equivale ao estar em Cristo, também é uma revolução comportamental: só vamos onde Ele iria e só pensamos, falamos, fazemos o que Ele faria. Ele é a nossa vida: fonte, princípio e base. Só nos interessa aquilo que O exalta.

Em compensação, quando Ele se manifestar em toda a Sua glória, nós apareceremos com Ele.

[5] Fazei, pois, morrer a vossa natureza terrena: prostituição, impureza, paixão lasciva, desejo maligno e a avareza, que é idolatria;

A apropriação dos novos padrões começa com a eliminação dos antigos, os que compõem a natureza caída.

Interessante não é matar a natureza terrena, mas fazê-la morrer. Paulo fala de uma postura - estar em Cristo, como o próprio Senhor disse: *"permaneço em mim, e eu permanecerei em vós. Como não pode o ramo produzir fruto de si mesmo, se não permanecer na videira, assim, nem vós o podeis dar, se não permanecerdes em mim. Eu sou a videira, vós, os ramos. Quem permanece em mim, e eu, nele, esse dá muito fruto; porque sem mim nada podeis fazer"*. (Jo 15.4,5) É estar, então, numa postura de submissão que libera o Espírito Santo para nos reciclar.

Note que o conjunto de padrões chamado de "natureza terrena" manifesta-se no âmbito dos relacionamentos. Estes componentes da natureza humana caída norteiam as respostas que damos à vida, principalmente, na forma como nos relacionamos com os demais seres humanos. Vamos aos padrões, isto é, ao que a presença deles gera no comportamento humano:

Prostituição

Permite que alguém negocie corpos ou valores morais (seus ou de outrem). Transforma a relação humana em mera operação de compra e venda, o que me faz pensar: será que, à luz dessa consideração, certas relações de trabalho não deveriam ser revistas?

Impureza

Possibilita que alguém omita suas verdadeiras intenções nos relacionamentos e fomenta amizades pensando exclusivamente em si, coisificando o próximo.

Paixão lasciva

Leva a considerar o outro exclusivamente como objeto para a realização de seu prazer pessoal.

Desejo maligno

Promove o cultivo da maldade no coração como, por exemplo, o desejo de vingança.

Avareza

Eleva os bens materiais à condição de "deus da vida" e isto é, necessariamente, relacionai; quem assim age despreza a necessidade do outro, não se dá conta de que a maneira como os recursos estão disponibilizados na natureza não permite que ninguém se arrogue o direito de possuir o máximo que puder. Qualquer exagero será à custa da miséria de alguém.

[6] por estas coisas é que vem a ira de Deus sobre os filhos da desobediência.

A prática de tais princípios nega o "sermos imagem e semelhança de Deus", nos afasta do que *deveria ser* a humanidade, provocando ira divina.

[7] Ora, nessas mesmas coisas andastes vós também, noutro tempo, quando vivíeis nelas.

Embora, em cada pessoa fossem manifestos de maneira e intensidade peculiares, eram estes os conceitos que nos norteavam quando nas trevas.

[8] Agora, porém, despojai-vos, igualmente, de tudo isto: ira, indignação, maldade, maledicência, linguagem obscena do vosso falar.

Os atos gerados a partir de tais padrões devem, também, ser eliminados:

Ira

Não relacionada ao *"irai-vos mas não pequeis"* (mais afeito à fome e sede de justiça), porém, a atos como: praguejar, amaldiçoar, ofender ou agredir alguém.

Indignação

Indignar-se nem sempre é pecado, por exemplo, indignar-se contra a injustiça é bom. O que não pode acontecer é degenerar a indignação em atos de murmuração. A murmuração é uma forma de acusar Deus de negligência (pelo menos, em relação à questão sobre a qual se murmura). É uma forma de blasfemar sobre o caráter de Deus. No Éden, o inimigo acusou Deus de mentiroso e egoísta; na murmuração subcrevemos essa acusação. Há, também, a indignação que se baseia apenas no preconceito.

Maldade

Atos em que pensamos exclusivamente em nós e que podem ir da simples indiferença e grosseria ao uso do outro para o nosso prazer pessoal.

[9] Não mintais uns aos outros, uma vez que vos despistes do velho homem com os seus feitos.

O velho homem, aqui, é a velha sociedade, cujos relacionamentos, de modo geral, sustentam-se na mentira, seja por má fé, seja por autoproteção.

[10] e vos revestistes do novo homem que se refaz para o pleno conhecimento, segundo a imagem daquele que o criou;

Na nova sociedade-unidade podemos e devemos (ao menos deveríamos) praticar a transparência, uma vez que a mesma tem como princípio o amor. Nessa nova comunidade que, em Cristo, se faz um só *novo homem*, é que o propósito de Deus se cumpre em nós. A Igreja e o cristão crescem a partir da comunhão, o que aponta para adoração como um ato coletivo: *"e, assim, habite Cristo no vosso coração, pela fé, estando vós arraigados e alicerçados em amor, afim de poderdes compreender, com todos os santos, qual é a largura, e o comprimento, e a altura, e a profundidade e conhecer o amor de Cristo, que excede todo entendimento, para que sejais tomados de toda a plenitude de Deus"* (Ef 3.17-19).

Só na verdade dita e vivida em amor há comunhão. Verdade acerca dos fatos e acerca de si mesmo.

Esse homem coletivo, nesse processo comunitário, vai assumindo a sua forma final - à imagem de Jesus Cristo.

[11] no qual não pode haver grego nem judeu, circuncisão nem incircuncisão, bárbaro, cita, escravo, livre; porém Cristo é tudo em todos.

Na comunidade de Cristo não pode haver nenhuma segregação entre as pessoas. Qualquer distinção dessa natureza quebra a unidade, inviabiliza a expressão de Deus, segundo o modelo que Ele mesmo estabeleceu. Onde não há discriminação alguma há comunhão perfeita, logo, há unidade.

[12] Revesti-vos, pois, como eleitos de Deus, santos e amados, de ternos afetos de misericórdia, de bondade, de humildade, de mansidão, de longanimidade.

Gosto do "revestir-vos" porque, segundo vejo, tanto quanto o "fazer morrer", fala da decisão de ser coerente com o caráter de Cristo: é uma postura para com o próximo; um ato de obediência "à vocação a que fomos chamados" (Ef 4.1), que desemboca numa entrega sem reservas para que o Espírito Santo possa, livremente, produzir isso no crente. Aliás, como temos visto, a adoração pro-

duz um entregar-se ao ser adorado para que este se expresse no adorador.

À primeira vista, pode suscitar a impressão de ser mero "comportamentalismo", mas, ao contrário, é coerência com o caráter de Cristo, que é produzido em cada cristão pelo Espírito Santo, à medida que este contempla, exalta e deseja Jesus Cristo, num ato de adoração. É um ato de fé na ação do Espírito Santo. O cristão conduzido pela Palavra é levado a fazer a coisa certa na fé que é *"a certeza de coisas que se esperam, a convicção de fatos que se não vêem"* (Hb 11.1). Está convicto - tal como Pedro, ao sair do barco - de que a graça de Deus há de manifestar o poder necessário para dar conteúdo e legitimidade ao ato. Por exemplo: o cristão, em obediência, declara o perdão na fé de que, enquanto o promulga, o Espírito Santo o faz brotar em seu coração. A exemplo de Pedro, o filho de Deus não espera sentir um poder especial para, então, fazer o que tem de ser feito; ele o faz, carregado pela Palavra de Deus, cuja obediência faz parte do processo de adoração, na certeza de que, nesse ato, o poder especial é liberado.

Esses portadores da pessoa e do caráter de Cristo o são por eleição divina e, para serem coerentes com tal estado, devem demonstrar em seu comportamento novos princípios:

Misericórdia

Atos e gestos que propiciam a quem não merece as condições necessárias para a vida. Ser misericordioso é mais que não retribuir a outrem segundo o seu pecado; é garantir-lhe as condições de sobrevivência apesar de seus atos condenarem-lhe à morte. Por exemplo: lutar pelos direitos civis de pessoas que desrespeitaram os direitos civis de terceiros é praticar a misericórdia.

Bondade

Atos e gestos que demonstram, por meio da ajuda, do compromisso, amor para com o próximo.

Humildade

Atos e gestos de serviço ao irmão. Ser humilde é colocar-se a serviço do outro.

Mansidão

Atos e gestos que demonstram que abrimos mão da necessidade de domínio e optamos pela solidariedade, pelo compartilhamento de nossos recursos em benefício de todos.

Longanimidade

Atos e gestos que demonstram nossa paciência e tolerância para com a fraqueza, a carência e o tropeço do irmão.

[13] *Suportai-vos uns aos outros,*

Atos e gestos de apoio que dêem ao outro condição de crescer, de realizar-se como pessoa.

perdoai-vos mutuamente, caso alguém tenha motivo de queixa contra outrem. Assim como o Senhor vos perdoou, assim também perdoai vós;

Atos e gestos de perdão, que demonstrem, por meio de um tratamento ao perdoado que não leve em conta o que ele fez no passado, que o problema foi esquecido e nunca mais será comentado.

[14] *acima de tudo isto, porém, esteja o amor, que é o vínculo da perfeição.*

O amor une perfeitamente, logo, produz atos e gestos que demonstram carinho e unidade no corpo de Cristo. Todo esse comportamento tem como objetivo realizar, na história, a unidade produzida na cruz - dar realidade histórica ao novo homem

[15] *Seja a paz de Cristo o árbitro em vosso coração, à qual, também, fostes chamados em um só corpo; e sede agradecidos.*

Paz, aqui, não é aquela tranquilidade que indica que se está indo no caminho certo, mas a paz que Cristo celebrou na cruz, entre os homens. Ou seja, se algo que desejamos fazer vai separar-nos de nosso irmão, não devemos fazê-lo. É algo bem objetivo: se vai causar dissensão, não o faça, porque o novo homem prospera na paz.

[16] *Habite, ricamente, em vós a palavra de Cristo; instruí-vos e aconselhai-vos mutuamente em toda a sabedoria, louvando a Deus, com salmos, e hinos, e cânticos espirituais, com gratidão, em vosso coração.*

[17] *E tudo o que fizerdes, seja em palavra, seja em ação, fazei-o em nome do Senhor Jesus, dando por ele graças a Deus Pai.*

Atos e gestos de edificação mútua, de gratidão a Deus por Jesus Cristo, Sua tão grande salvação. Vida de culto a Jesus Cristo.

Essa deve ser a vida da Igreja - portanto, das igrejas locais.

A missão precípua da Igreja tem duas vias, uma dirigida à Trindade: adoração, outra dirigida aos irmãos: unidade. Uma depende da outra e da efetivação dessa missão depende a eficácia da missão ao mundo.

É pela consciência e pela prática dessa fraternidade que o novo homem se manifestará e Deus será expressado e o mundo crerá que Jesus Cristo é o apóstolo de Deus.

E assim se torna realidade na história o novo homem: o homem à imagem e semelhança de Deus.

CONCLUSÃO

Eis, segundo particular visão, a Igreja:

Reunião de pessoas agraciadas com a revelação de que Jesus Cristo é a segunda das três pessoas da Trindade, que é o único Deus, que, não julgando o ser igual a Deus como algo a que devia aferrar-se, a Si mesmo esvaziou-se assumindo forma humana para salvar a humanidade; pessoas que, concomitante à revelação, foram convencidas de seus pecados, arrependeram-se, tornaram-se habitação do Espírito Santo, a terceira pessoa da Trindade. Gente que, numa reação natural ao que receberam, prostram-se de joelhos, em adoração a Cristo e, enquanto adoram, são transformadas à semelhança d'Aquele que adoram, passando a manifestar o caráter de Cristo em todos os seus relacionamentos. Em primeiro lugar, para a alegria do próprio Jesus, cumprindo, assim, o seu papel de Noiva; em segundo lugar, para manifestá-Lo ao mundo.

E como parte dessa transformação são levados, num movimento em direção ao irmão, a amarem-se de tal forma que, em lugar de uma multidão, começa a surgir um só "novo homem", que é a expressão da Trindade. A cada avanço do Espírito Santo, nessa dupla transformação, mais eficazes vão se tornando enquanto braço ministerial do Senhor Jesus na luta contra as trevas e, portanto, como instrumentos divinos na libertação dos homens a quem o Pai quiser salvar.

Eis a Igreja: a retomada do projeto do Gênesis - o homem à imagem e semelhança da Trindade; sal que pode deter o avanço da maldade sobre a Terra, luz que pode afugentar as trevas que assolam o mundo.

Eis a Igreja: braço ministerial de Cristo - levando aos homens as exigências de Deus, deixando-se usar como instrumento da graça e do amor de Deus pela raça humana.

Eis a Igreja: sacerdotisa de Deus; intercessora dos homens.

Por tudo isso temos de buscar a edificação da Igreja. Essa busca significa que estamos, de fato, vivendo para a glória de Cristo e para o bem dos homens. Os cristãos devem abrir mão de qualquer coisa que os distraia de se "reservarem para o serviço mais divino e mais necessário à Igreja de Deus para a salvação dos homens"²¹. "O serviço mais importante e insubstituível que os cristãos devem prestar à sociedade é simplesmente ser verdadeiramente Igreja."²²

21. Orígenes - Contra Celsum VIII, 75 - in Lohfink - Como Jesus queria as comunidades? A dimensão social da fé cristã - 231 - edições Paulinas

22. Lohfink, G - op. Cit. 231